

## ANÁLISE DIACRÓNICA DO PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO PORTUGUÊS\*

JAN HRICSINA

Universidade Carolina, Praga

### A DIACHRONIC ANALYSIS OF THE PORTUGUESE PLUPERFECT

The paper focuses on the diachronic analysis of the Pluperfect Simple in the Portuguese language. The principal objective of this study is to analyse the modo-temporal functions of the Pluperfect Simple in Old Portuguese, to compare its frequency and its use in the evolution of the Portuguese language and to detect in which period the Pluperfect Simple ceased being used in modal functions. The research is based on the linguistic corpus [www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org).

**Keywords:** Portuguese language; diachronic linguistics; corpus linguistics; functional linguistics; Pluperfect Simple

**Palavras-chave:** língua portuguesa; linguística diacrónica; linguística corporal; linguística funcional; pretérito mais-que-perfeito simples

### 1. Introdução

Uma das diferenças entre o Português e o Espanhol é o funcionamento da forma em *-ra*<sup>1</sup>, quer dizer, o tempo que provém do mais-que-perfeito latino (*laudāveram*). Enquanto que, no Português contemporâneo, este tempo desempenha papéis idênticos aos valores denotados pela mesma forma em Latim (expressão dos processos anteriores às outras ações pretéritas), no Espanhol atual este paradigma funciona exclusivamente como conjuntivo do imperfeito (Zavadil – Čermák 2010: 308–309). Basta abrir uma gramática histórica da língua portuguesa para ficar a saber-se que não era sempre assim. No Português arcaico, a par da expressão da anterioridade no passado, a forma em *-ra* aparecia em várias funções não-reais próprias do condicional ou do imperfeito do conjuntivo. Apesar de ser um tema interessante, não existem muitos estudos que se ocupem dele (ver mais adiante). Os objetivos do presente artigo são os seguintes: analisar o comportamento da forma em *-ra* no Português arcaico, comparar a frequência e o uso deste

\* Este artigo faz parte do projeto “Program rozvoje vědních oblastí na Univerzitě Karlově č. P10 *Lingvistika*”, subprograma “*Románské jazyky ve světle jazykových korpusů*”.

<sup>1</sup> O termo *forma em -ra* representa o paradigma verbal do pretérito mais-que-perfeito simples (*falara*).

paradigma em Português em vários séculos da sua evolução e, assim, descobrir em que período deixou de ser usado nos papéis hipotéticos ou condicionais.

## 2. Funcionamento do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no Português atual

Todas as gramáticas da língua portuguesa consultadas referem que a função principal e mais frequente do mais-que-perfeito (simples e composto) é a de exprimir as ações anteriores às outras passadas. O ponto de referência<sup>2</sup>, que fica anterior ao momento da fala, pode ser explícito ou implícito, quer dizer, deduzível do contexto da conversa (Raposo 2014: 524–531).

*O Pedro disse que a Maria **casara** com o doutor Gomes. (uso)*

Nesta frase, deparamos com a situação em que o ponto de referência é representado pela constatação do Pedro e fica, assim, presente na enunciação, ou seja, explícito.

*Nunca **tinha visto** um carro assim! (uso)*

Neste exemplo, o ponto de referência é implícito (não referido na enunciação). É assim representado pelo momento em que o autor da frase viu este tipo de carro.

O uso do mais-que-perfeito simples limita-se quase exclusivamente à escrita, enquanto a forma composta é muito frequente ora na escrita ora na oralidade. A variante simples pode aparecer também em papéis não-reais, quer dizer, condicional ou eventual, mas na língua atual, este emprego é sentido como um traço muito arcaizante (Bechara 2009: 279, Cuesta – Luz 1980: 527, Cunha – Cintra 1999: 456). Podemos encontrar este tipo de uso exclusivamente na literatura como é o caso do exemplo seguinte.

*Que **fora** a vida, se nela **não houvera** lágrimas. (Bechara 2009: 279 – Alexandre Herculano, Eurico)*

As formas do mais-que-perfeito simples figuram também em várias expressões exclamativas ou desiderativas como são por exemplo – *quem me dera, pudera, tomara* (Raposo 2013: 525, Cuesta – Luz 1980: 527, Cunha – Cintra 1999: 456).

***Tomara** que faça bom tempo! (uso)*

Alguns autores referem que as duas variantes do pretérito mais-que-perfeito podem denotar uma ação que se produziu no passado remoto (Svobodová 2014: 84) ou um processo que se situa vagamente no passado (Cunha – Cintra 1999: 455).

*Alguém me **tinha dito** isso. (Svobodová 2014: 84)*

---

<sup>2</sup> O ponto de referência é representado por um ponto intermédio a partir do qual se pode localizar temporalmente o processo descrito (cf. Mateus 2003: 131).

No entanto, pode-se supor que também este tipo de frases depende dum contexto mais vasto em que figura um acontecimento que funcione como ponto de referência situado no passado e ao qual esta frase é anterior.

### 3. Funcionamento do pretérito mais-que-perfeito simples no Português antigo

Consultando as gramáticas históricas da língua portuguesa, ficamos a saber que a função mais comum do pretérito mais-que-perfeito simples no Português antigo<sup>3</sup> era a expressão dos factos produzidos antes das outras ações passadas, ou seja, o mesmo conteúdo que desempenha no Português contemporâneo (Huber 1986: 251, Said Ali 2001: 232, Dias 1933: 190, Brocardo 2014: 149). A par com este emprego aparecia a forma em *-ra* também com o significado de irrealidade ou condicionalidade (Said Ali 2001: 232, Mattos – Silva 2008: 93–94, Brocardo 2014: 150–151). Desempenhava, assim, os papéis idênticos ao imperfeito do conjuntivo ou ao condicional.

*E portanto cuidaria alguen que primeiramente **devera** a falar a Escritura da terra que se rega per si que está en fondo.* (Mattos e Silva 2008: 93 – Diálogos de São Gregório, 3.34.25)<sup>4</sup>

Como refere o linguista brasileiro Said Ali, o emprego do pretérito mais-que-perfeito não era totalmente equivalente ao dos tempos acima referidos. Não era possível usar a forma em *-ra* nalguns tipos de contextos, por exemplo, nas orações finais (*\*para que fizera*), na concordância dos tempos com o significado de posterioridade no passado (*\*disse que vira*)<sup>5</sup> ou seguindo algumas conjunções (*\*contanto que partira*) (Said Ali 2001: 232). A linguista portuguesa Maria Teresa Brocardo afirma que a forma em *-ra* no seu emprego modal aparece sobretudo com verbos modais *poder* e *dever* (Brocardo 2014: 151). Alguns autores referem que o seu emprego era mais frequente nas orações condicionais (Huber 1986: 313, Mattos e Silva 2008: 92). Neste tipo de oração, o pretérito mais-que-perfeito simples podia aparecer também em duas proposições ao mesmo tempo (Mattos e Silva 2008: 92).

*Ca se ele **non confiara** mais do homen santo don Onrado ca de si, **non tirara** a calça sua que tragia por religas e a posera sobelo corpo do morto.* (Mattos e Silva 2008: 92 – Diálogos de São Gregório, 1.4.20)

---

<sup>3</sup> Pelo Português antigo entendemos a língua usada no Reino de Portugal dos finais do século XII até meados do século XVI.

<sup>4</sup> Todos os exemplos que aparecem na parte III do presente artigo, proveem dos livros citados no texto.

<sup>5</sup> No entanto, Maria Teresa Brocardo encontra várias atestações deste tipo do emprego, referindo que o pretérito mais-que-perfeito simples expressa este papel temporal quase exclusivamente na construção com *haver de*, visto que este tipo de construção marca um valor de posterioridade – *E breuemête em todo se deu maa prouisã o que ao depois ouuera de seer aazo de se a uilla perder* (Crónica do Conde D. Duarte de Meneses) (Brocardo 2014: 149–150).

A especialista portuguesa no Português antigo Ana Paula Banza analisou o uso deste tempo nas orações condicionais na prosa do Padre António Vieira e chegou à conclusão que esta forma é muito frequente nomeadamente nas orações subordinadas, enquanto que nas subordinantes o seu uso é mais raro (Banza 2007: 11–14). Além das orações condicionais, regista-se este tempo também nas concessivas, exclamativas ou volitivas (Dias 1933: 191, Mattos e Silva 2008: 93). Nos dois contextos, o pretérito mais-que-perfeito é concorrido pelo imperfeito do conjuntivo.

*Quis Deus que acharon (achassem) o meniho vivo e são pela oraçon.* (Mattos e Silva 2008: 93 – Diálogos de São Gregório, 3.15.25)

No que diz respeito à localização temporal deste emprego, os autores citados limitam-se a constatar que, no período arcaico da língua, a forma em *-ra* se usava no sentido hipotético “por vezes” (Huber 1986: 252), enquanto que nos séculos XVI e XVII, o seu emprego nesta função era “comuníssimo” (Said Ali 2001: 232). O linguista brasileiro Evanildo Bechara coloca o desaparecimento de tal uso no século XVIII (Bechara 1991: 75). Maria Teresa Brocardo é mais prudente na datação da mudança de uso deste paradigma, referindo que o seu uso corrente persistiu até ao século XVII, enquanto que, para a produção literária, considera como período de mudança o século XIX (Brocardo 2014: 152).

Recentemente, foram escritos dois textos que se ocupam desta questão. O primeiro é a tese de doutorado ineditada que é da autoria da linguista brasileira Joalede Gonçalves Bandeira (Bandeira 2011). Na sua tese, a autora analisa minuciosamente o uso e valores do mais-que-perfeito simples e composto no Português europeu e brasileiro desde o século XVI até ao século XX. Para tal, aproveita o corpus constituído pelas cartas dos autores de ambos os países, explicando esta escolha por um grau maior de aproximação da oralidade deste tipo de textos do que, por exemplo, no caso de romances ou crónicas. Da análise resulta que a frequência do mais-que-perfeito simples e composto é diferente na evolução do Português europeu e brasileiro. Enquanto que em Portugal, nos séculos XVI e XVII, a forma simples predomina e a partir do século XVIII a sua frequência diminui em favor da composta, no Brasil, a situação é diferente, ou seja, nos séculos XVIII e XIX, nota-se a predominância do mais-que-perfeito simples relativamente à forma composta (Bandeira 2011: 184–194).

No que diz respeito aos valores do mais-que-perfeito simples, a autora constata que, em ambas as variantes do Português nos séculos XVI e XVII, este tempo desempenha frequentemente os papéis condicionais ou eventuais. No entanto, a partir do século XVIII, a sua frequência neste tipo de valores começa a diminuir (Bandeira 2011: 222–242).

O outro texto foi elaborado por Pascásia Coelho da Costa Reis na base da sua dissertação de mestrado (Costa). A autora analisa o uso do mais-que-perfeito no Português arcaico, aproveitando o corpus constituído pelos dois primeiros livros de *Os Diálogos de São Gregório* e as 1 777 primeiras linhas da *Crónica de Dom Pedro* e *Crónica de D. Pedro de Meneses*. A autora procura todos os contextos sintáticos em que aparece este tempo no Português arcaico, concluindo que a forma em *-ra* aparece inicialmente na

oração principal hipotética em que substitui nomeadamente o condicional por motivos de expressividade.

... *çertamente se elle não fora, todo **passara** em esquecimento.* (Costa 69 – Crónica de D. Pedro de Meneses, 176)

Depois, o seu emprego estende-se também às orações subordinadas condicionais e aos outros contextos (Costa 65).

*Se aqeste homen santo **quisera** mais **viver** com estes monges que aviam costumes mui contrairos aos seus e que se juntaron contra el pèra mata-lo, assi em como el era certo em querendo-os correr, tanto pela ventura saira de maneira de mansidoen e d'assessagamento, que perdera o deleito e o prazer que soia a aver.* (Costa 68 – Diálogos de São Gregório, 2.3.23)

O mais-que-perfeito simples aparece também em vários contextos próprios do imperfeito do conjuntivo (Costa 74).

*Ca hua ave pequena e negra que chaman merloa começou a voar ante seu rostro e andar tan perseveradamente derredor dele que a podera tomar com as mão se **quisera**, mais depois que el fez o sinal da cruz partiu-se a ave dele.* (Costa 70 – Diálogos de São Gregório 2.2.3)

#### 4. Métodos de análise

Repitamos os objetivos do presente artigo: 1. analisar qual o comportamento semântico do pretérito mais-que-perfeito simples na história da língua portuguesa (quais os papéis desempenhados por este paradigma), 2. comparar a sua frequência na evolução do Português e 3. mostrar qual o período em que mudou o funcionamento desta forma (deixou de usar-se nas funções não-reais).

Para tal decidimos aproveitar o corpus linguístico [www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org)<sup>6</sup> que permite fazer pesquisas diacrónicas. Neste corpus foi analisado o emprego do pretérito mais-que-perfeito simples na evolução do Português, ou seja, do século XIV até ao século XX. A pesquisa limitou-se ao Português Europeu. Para cada século foram escolhidas 200 ocorrências do paradigma em questão (a seleção dos exemplos analisados foi casual). Todos os exemplos analisados foram divididos em quatro categorias segundo o seu papel modo-temporal<sup>7</sup>: 1. expressão da anterioridade no passado (ou simplesmente do passado), 2. condicional (nesta categoria foram classificados dois tipos de casos:

<sup>6</sup> O corpus elaborado por Mark Davies (BYU) e Michael J. Ferreira (Georgetown University) contém mais de 45 milhões de palavras nos textos provenientes dos séculos XIV–XX escritos em ambas as variantes principais do Português, respetivamente no Português Europeu e no do Brasil.

<sup>7</sup> A interpretação modo-temporal dalgumas ocorrências do pretérito mais-que-perfeito foi bastante complicada, até impossível. Tais exemplos foram excluídos do nosso corpus analisado. Trata-se nomeadamente das frases simples em que só um contexto muito mais alargado possa ajudar na interpretação da forma em questão (anterioridade no passado ou condicional) – *Nao **quisera** ficar nenhum.* (Frei Luís de Sousa, Anais de Dom João III).

a) a forma em *-ra* que aparece nas frases complexas condicionais (condição explícita)<sup>8</sup>, b) nas frases simples condicionais (condição implícita), 3. conjuntivo – é o emprego deste paradigma nos contextos próprios às formas do conjuntivo (trata-se nomeadamente do imperfeito e mais-que-perfeito do conjuntivo) e 4. emprego da forma em *-ra* nas frases exclamativas. Agora passamos a mostrar os resultados da nossa pesquisa *in corpora* para cada século.

## 5. Análise *in corpora*

### 5.1 Século XIV

A análise do subcorpus do Português do século XIV mostrou que o papel temporal do pretérito mais-que-perfeito simples é predominante. Nas 200 ocorrências analisadas, esta forma aparece em 181 casos (90,5%) na função temporal, ou seja, exprime a anterioridade no passado ou simplesmente o passado.

*E, quando os outros veeron e que ja acabaron sua guerra, veeronse pera Tomar e, depois que souberon o mal que elle fezera, matarõno.* (Crónica Geral de Espanha de 1344)<sup>9</sup>  
*Este guaanhou dos mouros gram parte da terra que el rey don Rodrigo **perdera**.* (Crónica Geral de Espanha de 1344)

Registámos 16 casos (8%) da forma em *-ra* no papel do condicional. Este emprego parece ser típico sobretudo na *Crónica Troyana* (14 ocorrências). Os dois exemplos restantes aparecem na *Crónica Geral de Espanha de 1344*.

*Et sse eu assý **passara** meu tenpo, eu agora **fora** morta.* (Crónica Troyana)

No exemplo anterior, podemos ver o pretérito mais-que-perfeito nas duas orações da frase condicional. Este emprego é típico do Português arcaico e, no nosso corpus, encontramos muitos casos semelhantes.

Ao contrário do que sucede com a função relativamente frequente do condicional, registámos só três ocorrências (1,5%) da forma em *-ra* no papel do conjuntivo. Em dois casos, o paradigma depende duma expressão que se apresenta na oração principal e que exige o conjuntivo (expressão apreciativa e de medo).

*Senhor Deus, se a ti prouguera, melhor fora que eu, velho mizquinho, morrera e **ficara** aquelle que tanto vallia.* (Crónica Geral de Espanha de 1344)  
*... ualera todo o que for feito sobre cousas que lhi pertêçe se sse temessê que aquel dereito que auya ã elas se lhi **perdera** per tẽpo.* (Afonso X, Terceyra Partida)

<sup>8</sup> Embora a forma em *-ra* substitua muito frequentemente o conjuntivo, ocorrendo na oração subordinada após a conjunção *se*, classificamos este tipo de casos como uso condicional.

<sup>9</sup> Na parte V do presente artigo, todos os exemplos proveem do corpus [www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org).

A terceira ocorrência representa um caso especial em que a forma em *-ra* aparece na oração volitiva (após o verbo *querer*).

*Eu quisera que esta lide fora em Tolledo.* (Crónica Geral de Espanha de 1344)

Não registámos nenhuma ocorrência deste paradigma na função exclamativa. Os resultados da análise do subcorpus do século XIV são sumarizados no gráfico I.

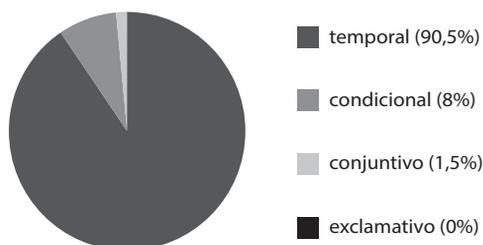


Gráfico I. Emprego do pretérito mais-que-perfeito no século XIV

## 5.2 Século XV

Analisando os dados do subcorpus do Português do século XV, deparámos com uma tendência ligeiramente decrescente do emprego da forma em *-ra* nas funções não-reais. No conjunto das 200 ocorrências deste paradigma, registámos 186 casos (93%) do seu uso temporal, quer dizer, na expressão da anterioridade no passado ou do passado.

*Então se apartarom ambos e perguntou dom Eguas Moniz por que se **viera** lançar aly sobre aquela vila e ele lhe dise que **viera** cerquar dom Afonso, seu primo, porque lhe não queria conhecer senhorio nem ir a suas cortes como era rezão e como lhe faziam em toda Espanha, e que o levaria preso consyguo e daria a terra a outro que lhe conheçese senhorio e orrua.* (Crónica de Portugal)

No papel do condicional apareceu a forma em *-ra* onze vezes (5,5%). Como foi constatado para o subcorpus do século XIV, também neste século registámos muitos casos da ocorrência do pretérito do mais-que-perfeito simples em ambas as orações da frase condicional.

*E assi, se Cesar **ouvera** lugar de se defender, nom curara de sua morte.* (Vidas e feitos de Júlio César)  
*... e sem duvida assy ho **fizera**, se sua antecipada morte o nom atalhara.* (Rui de Pina, Crónica de Dom Duarte)

Registámos de novo só três casos (1,5%) do emprego da forma em *-ra* na função do conjuntivo. Duas vezes apareceu na oração concessiva (com a conjunção *ainda que*) e uma vez na oração volitiva (dependente do verbo *querer*).

*A quarta razom foi, segundo a glosa, a confirmaçom da fe, e que maior fe e creença fosse dada a Santa Maria, porque, se fora solteira e prenhe, cuidarom que dissera mentira nem lhe creerom que era virgem, ainda que o **dissera**. (Livro de vita Christi)*

*Todos louvarom que se trigassem de acabar o feito e que vingassem Potem, que tiinha a cabeça corta, do qual Cesar ouvera de fazer moor justiça se ouvera espaço, ca, ainda que o el **posera** em cruz ou o fezera arrastrar a rabo de cavalos, nom ouvera asaz vingança de seu corpo. (Vida e feitos de Júlio Cesar)*

*E quisera el Rei de boa mente que sse **fezera**. (Rui de Pina, Crónica de Dom Duarte)*

Não foi encontrado nenhum caso deste paradigma na função exclamativa.

A frequência de vários tipos do emprego do pretérito mais-que-perfeito simples no século XV é demonstrado no gráfico seguinte.

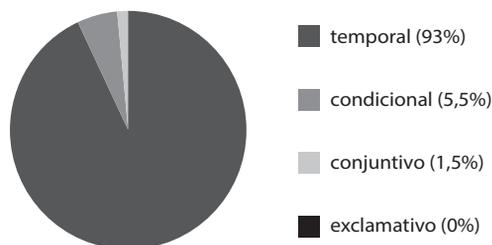


Gráfico II. Emprego do pretérito mais-que-perfeito no século XV

### 5.3 Século XVI

Da análise do subcorpus do Português do século XVI podemos concluir que as proporções entre o emprego da forma em *-ra* nos papéis temporais e modais (não-reais) começam a mudar neste século. Enquanto que nos séculos anteriores constatámos uma frequência semelhante no que diz respeito ao papel do condicional (8% e 5,5%), no século XVI este emprego espalhou-se consideravelmente.

No entanto, o domínio mais frequente do pretérito mais-que-perfeito simples associa-se à expressão da temporalidade (anterioridade no passado ou o passado). Registámos 162 ocorrências (81%) deste emprego da totalidade dos 200 casos analisados.

*Nicolau Ferreira, como já não era da sua jurisdição, dadas as cartas, tornou-se pera onde estava Afonso de Albuquerque, ao qual deu conta do que **passara** com el-Rei... (João de Barros, Décadas da Ásia, Década Segunda)*

Como já foi referido, o papel do condicional era mais frequente do que nos dois séculos anteriores. Registámos 34 ocorrências (17%) da forma em *-ra* com esta função.

*Marido Se nam fora o capitão eu **trouxera** a meu quinhão um milhão vos certifico. (Gil Vicente, Obra)*

*Mandou logo o Padre hum cavallo de carga, que alli acazo se achou por não haver outro, em busca do Irmão Luiz de Almeida que estava dalli em outro lugar affastado, e se lho não mandara não **pudera** chegar por sua velhice e enfermidades, posto que o Padre pelas suas não tinha da cavalgadura menos necessidade que o Irmão, todavia por acudir ao Irmão dissimulou com a sua.* (Luís Frois, Historia do Japam III)

No que diz respeito ao emprego da forma em *-ra* na função do conjuntivo, depará-mos com três ocorrências (1,5%). Em dois casos, o paradigma encontrava-se na oração volitiva (após o verbo *pedir*) e o último exemplo era a oração concessiva (*ainda que*).

*E aqui levando as mãos aos cabelos seus longos que jaa dantes pareciam estando que nam foram poupados soo para entam os começava magoadamente a carpir, senam que meu pai acodio pedindo-lhe por merce (dezia elle) que a **fizera** estaar queda, dizendo-lhe que a todo seu poder ella seria contente ou elle morreria na demanda e que lhe dissese o que avia e contando-lho entonces lhe dissera estas palavras:* (Bernardim Ribeiro, Menina e Moça)  
*Avalor por isso nam teve tempo de responder nem ficou pera responder ainda que o **tevera**.* (Bernardim Ribeiro, Menina e Moça)

O papel exclamativo é representado só por um caso (0,5%).

*Quem é aquele, que faz tanta vantage? Quem me **dera** ser ele, porque de duas guinadas que deu sobre duas galés das que fugiam pera dentro do rio, ambas se despejaram, leixando os cascos vazios, as quais ele tomou!* (João de Barros, Décadas da Ásia, Década Segunda)

O gráfico III mostra a percentagem da frequência dos tipos modo-temporais da forma em *-ra* no século XVI.

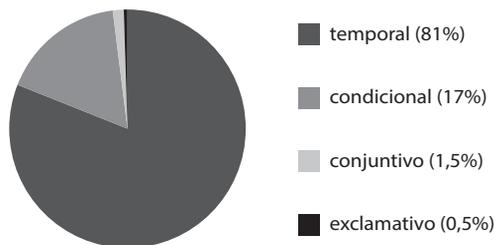


Gráfico III. Emprego do pretérito mais-que-perfeito no século XVI

## 5.4 Século XVII

Segundo o nosso subcorpus do Português, o século XVII é o período em que registámos a frequência mais alta do pretérito mais-que-perfeito simples na função de condicional. Daí resulta o facto de que o número das ocorrências da forma em *-ra*, no sentido temporal, foi muito menor do que nos séculos anteriores. Encontrámos apenas 112 casos deste tipo (56%).

*Bem estava (ainda que à sua custa) neste conhecimento certa mulher que **dera** à sua filha em dote quanto possuía, e depois assim ela como o genro a desprezavam e lhes aborrecia em casa, como carga inútil.* (Manuel Bernardes, Nova Floresta)

O número das ocorrências do pretérito mais-que-perfeito no papel do condicional foi muito maior do que no século anterior (85/no século XVI – 34). Representou, assim, 42,5% da totalidade das ocorrências. Acrescenta-se que registámos mais casos em que os verbos modais (*querer, poder, dever*) aparecem nas frases simples com sentido condicional.

*Contudo, eu vos digo que não **quisera** cair em vossa desgraça, porque ponderais grandemente o que quereis.* (Francisco Manuel de Melo, Apolo)

*Eu bem **quisera** continuar mais repetidas vezes este comércio com V. M.; porém, por lei do destino, ou por mau costume do século, é necessário que o respeito domine sobre o gosto e que o entendimento reprima todas as ternuras do entendimento, digo, do coração.* (José da Cunha Brochado, Cartas)

No entanto, predominam os casos em que este paradigma aparece nas frases complexas condicionais.

*E não **pudera** dizer mais se tivera lido a profecia de S. Frei Gil, que desde seu tempo anda entre nós em infinitos escritos, e diz assim.* (Padre António Vieira, Cartas)

*... se a eu tivera muitas vezes, **dera** vida ao apetite que para as outras me falta.* (Francisco Rodrigues Lobo, Côrte na Aldeia e Noites de Inverno)

As ocorrências da forma em *-ra* no sentido do conjuntivo foram apenas duas (1%). No primeiro caso, o paradigma encontra-se na oração concessiva (após a conjunção *ainda que*) e no segundo, aparece na oração volitiva (dependente do verbo *querer*).

*Sobre tudo isto considero que em Portugal não há pessoa capaz de se fazer cabeça de uma conjuração, nem el-rei D. Afonso, ainda que **estivera** mais perto, é sujeito por si em que o mais desesperado de sua fortuna a haja de querer fundar.* (Padre António Vieira, Cartas)

*... lhe roguey que nos assentassemos aly ambos no chão, o que elle difficulosamente me concedeo, porque **quisera** que nos **foramos** logo para sua casa.* (Fernão Mendes Pinto, Peregrinação)

No nosso subcorpus, registámos apenas um caso desta forma com valor exclamativo (0,5%).

*Oh! quem me **dera** chegar a isto!* (Antonio Chagas, Cartas Espirituais)

A frequência dos tipos modo-temporais da forma em *-ra* no século XVII é apresentada no gráfico IV.

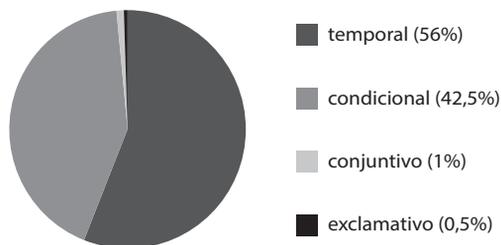


Gráfico IV. Emprego do pretérito mais-que-perfeito no século XVII

### 5.5 Século XVIII

No século XVIII, a frequência do pretérito mais-que-perfeito simples nas funções não-reais começa a diminuir. Registámos, assim, mais ocorrências no seu sentido temporal (159 – 79,5%).

*Desejava-se ver dali cem léguas e maldizia em seu coracao a sorte que ali o **trouxera**, onde se julgava em tamanho perigo, vendo, a seu parecer, o Inferno em vida, se bem [que] fiava de seu animo e coração que, encomendendo-se interiormente a Deus, mediante o seu divino favor escaparia de tudo.* (António José da Silva, Obras do diabinho da mão furado)

O pretérito mais-que-perfeito no papel do condicional apareceu em 41 casos (20,5%).

*Se eu **soubera** a certeza de fim tão formidável, não estaria todos os instantes com os sustos de morrer.* (João Baptista de Castro, A aflição confortada)

*Que **dissera**, se fallára da Portugueza Calgia com nove filhas só de hum parto, Martyres todas insignes?* (Antonio de Sousa de Macedo, Eva e Ave ou Maria Triunfante)

Interessante é o facto de, da totalidade de 41 ocorrências da forma em *-ra* no sentido condicional, termos registado 16 casos em que este paradigma figurava em frases simples (10 ocorrências do verbo *poder* e 6 do *querer*).

*Destes nomes **pudera** bem dizer Ouidio. Nomina sunt ipso pene timenda sono. E delles **pudera** bem tremer, não só Laodamia, porem Protesiláo, e o mesmo Hercules.* (José de Macedo, Antídoto da Língua Portuguesa)

***Quisera** ir, em melhor tempo, empregar em utilidade da minha pátria o fruto da minha peregrinação, em que, se me não engano, lhe não farei comunicar a Sua Majestade muitas memórias que pertencem a maior esplendor...* (José da Cunha Brochado, Cartas)

No nosso subcorpus, não encontramos nenhuma ocorrência da forma em *-ra* no papel do conjuntivo e exclamativo.

A frequência do pretérito mais-que-perfeito segundo os tipos modo-temporais no século XVIII é mostrada no gráfico V.

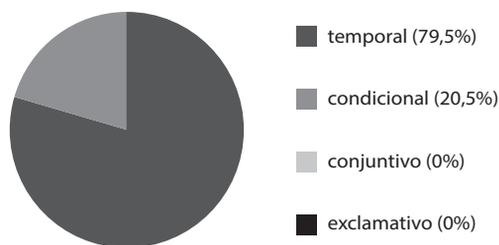


Gráfico V. Emprego do pretérito mais-que-perfeito no século XVIII

## 5.6 Século XIX

Se no século XVIII o número das ocorrências do pretérito mais-que-perfeito no papel do condicional no nosso subcorpus foi muito menor do que no século anterior, no século XIX, não foi registado nenhum caso deste paradigma na função do condicional e conjuntivo. Encontrámos 195 casos da forma em *-ra* no papel temporal (97,5%).

*Joaquim Pereira, ouvido isto, desligou-se dos quadrilheiros e foi revelar ao juiz de fora o que **ouvira**.* (Camilo Castelo Branco, A viúva do enforcado)

*Nos períodos de repouso, notámos que o doente **perdera** a reminiscência da vida anterior, e que nenhum dos amigos pôde por ele ser reconhecido, apesar dos esforços que todos faziam para reintegrá-lo na mentalidade dos dias normais.* (Fialho de Almeida, Os Gatos 2)

No que diz respeito às funções não-reais, o pretérito mais-que-perfeito simples apareceu exclusivamente no papel exclamativo (5 ocorrências – 2,5%). Acrescente-se que, no nosso subcorpus, figurou só o verbo *poder* com esta função.

***Pudera** eu oferecer-te um coração ainda virgem! Oh, de quanto amor eu cercaria os teus dias! – Basta!* (Alexandre Herculano, O Bobo)

*Eu quero agora apostar «Que é esta a filha roubada «Numa noite de luar» Milagre! quem tal diria! Quem tal **pudera** contar! A cabrinha toda branca Ali se pôs a falar.* (Júlio Dinis, As Pupilas do senhor Reitor)

A frequência de vários tipos modo-temporais do pretérito mais-que-perfeito simples no século XIX é apresentada no gráfico VI.

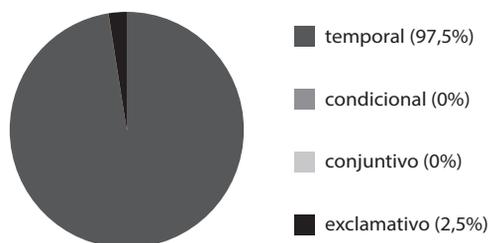


Gráfico VI. Emprego do pretérito mais-que-perfeito no século XIX

## 5.7 Século XX

A tendência que observámos para o século anterior foi ainda reforçada no estudo sobre o século XX, em que apareceram só duas ocorrências (1%) do pretérito mais-que-perfeito na função exclamativa (com os verbos *dar* e *tomar*). As restantes ocorrências (198 – 99%) pertencem ao tipo temporal (expressão da anterioridade no passado).

*Então, confiado, confessei modestamente que já fizera muitos. Uns vinte ou trinta.* (Miguel Torga, *A Criação do Mundo*, O Terceiro Dia)

*Contei a Sofia o que se passara.* (Vergílio Ferreira, *Aparição*)

*Jesus, meu Deus, quem me dera um avental assim. O Rosa, temos mais uma companheira!* (Aquilino Ribeiro, *A via sinuosa*)

*Tomara eu morrer. – Não sejas pateta! E deixa-me dormir, que bem preciso, com exames à porta.* (Francisco Costa, *O Cárcere Invisível*)

Os resultados da pesquisa efetuada no subcorpus do século XX são sumarizados no gráfico VII.

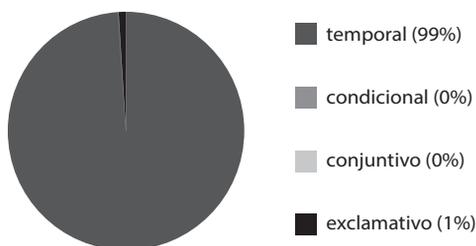
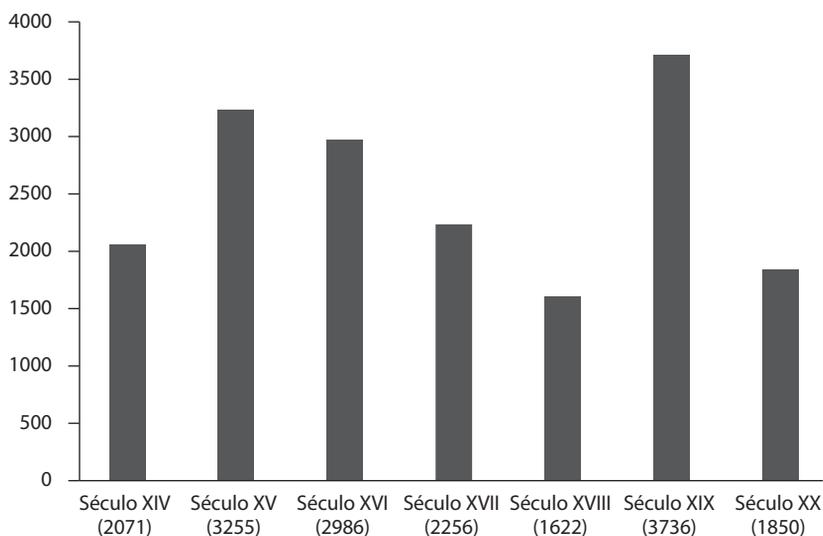


Gráfico VII. Emprego do pretérito mais-que-perfeito no século XX

## 5.8 Frequência relativa do pretérito mais-que-perfeito simples na história da língua portuguesa

Se compararmos a frequência relativa da forma em *-ra* na evolução do Português, deparamo-nos com um facto surpreendente: este paradigma era usado com a maior frequência no século XIX (3736 i. p. m.<sup>10</sup>). Relativamente frequente era também nos séculos XV e XVI (3255 i. p. m. e 2986 i. p. m.). Nos séculos posteriores, a sua frequência diminuiu sensivelmente para subir novamente no século XIX. E, no século XX, diminuiu de novo. Daí podemos deduzir que a frequência relativa da forma em *-ra* não está relacionada com o seu funcionamento semântico. A frequência relativa deste paradigma na história do Português é apresentada no gráfico VIII.

<sup>10</sup> item por milhão



**Gráfico VIII.** A frequência relativa do pretérito mais-que-perfeito na história do Português (valores i. p. m.)

## 6. Conclusões

A análise do pretérito mais-que-perfeito simples efetuada no corpus *www.corpusdo-portugues.org* confirmou que a função mais frequente em toda a história da língua portuguesa é a expressão dos conteúdos temporais, sobretudo a anterioridade no passado. Foi verificado que, das funções modais não-reais, o valor de condicional era, de longe, o mais frequente. Além do condicional, a forma em *-ra* aparecia também nas orações concessivas, volitivas e exclamativas, mas a sua frequência nestes contextos era muito baixa. Ainda foi confirmada a hipótese de, no Português antigo (séculos XIV e XV), a frequência deste paradigma nas funções não-reais não ser tão elevada como no Português clássico. A frequência mais alta registou-se com referência aos séculos XVI e XVII. No século XVIII, o emprego modal da forma em *-ra* começa a diminuir. No século XIX, este tipo de uso desapareceu por completo. Visto que o nosso corpus é estritamente literário, é de supor que o período em que este paradigma deixou de ser usado no sentido não-real na oralidade, é mais recuado (talvez já a segunda metade do século XVII).

---

## BIBLIOGRAFIA

- Bandeira, J. G. (2011): *Carteando e dialogando com o pretérito mais-que-perfeito: caminhos trilhados do século XVI ao XX*. Tese de doutorado ineditada. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8399/1/Joalede%20Gon%C3%A7alves%20Bandeira.pdf>.
- Banza, A. P. (2007): Alguns aspectos da Língua Portuguesa seiscentista na escrita do P.<sup>e</sup> António Vieira. *Diacrítica* 21/1, pp. 5–24.
- Bechara, E. (1991): As fases da língua portuguesa escrita. In: *Actes du XVIII<sup>e</sup> congrès international de linguistique et de philologie romanes, vol. III*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 68–76.
- Bechara, E. (2009<sup>37</sup>): *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Brocardo, M. T. (2014): *Tópicos de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri.
- Costa, P. C.: *Mais-que-perfeito como futuro do pretérito e imperfeito do subjuntivo em textos do século XIV e XV*. Pp. 63–76. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/3fz/pdf/oliveira-9788523208714-05.pdf>.
- Cuesta, P. V. – Luz, M. A. M. da (1980): *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70.
- Cunha, C. – Cintra, L. (1999<sup>15</sup>): *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa.
- Dias, A. E. da S. (1933<sup>2</sup>): *Syntaxe Historica Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Huber, J. (1986<sup>2</sup>): *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mateus, M. H. M. (ed.) (2003<sup>6</sup>): *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Mattos e Silva, R. V. (2008): *O português Arcaico, Volume II – Sintaxe e fonologia*. Lisboa: Imprensa nacional-casa da moeda.
- Raposo, E. P. (ed.) (2013): *Gramática do Português, I–II*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Said Ali, M. (2001): *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Melhoramentos.
- Silveira Bueno, F. da (1955): *A Formação histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- Svobodová, I. (2014): *Morfologie současného portugalského jazyka II. Sloveso*. Brno: Masarykova univerzita.
- Zavadil, B. – Čermák, P. (2010): *Mluvnice současné španělštiny*. Praha: Karolinum.

*Jan Hricsina*  
*Instituto de Estudos Românicos, Universidade Carolina*  
*nám. Jana Palacha 2, 116 38 Praha 1*  
*jan.hricsina@ff.cuni.cz*